

O USO DAS LÍNGUAS INDÍGENA E PORTUGUESA NO *CAMPUS* AMAJARI: UM REFLEXO DE CULTURA/ INTERCULTURALIDADE¹.

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues²
Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas³

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo identificar a relação entre as experiências em contexto intercultural e os usos das línguas portuguesa e indígena. Tendo como suporte os estudos sob a luz da Sociolinguística, na perspectiva de um cenário bilíngue (O *Campus* Amajari). Esse ensaio é um estudo de caso intepretativista de cunho etnográfico e está voltado para a área da Linguística Aplicada. Os registros foram coletas a partir da observação participante, da entrevista semiestruturada e do grupo focal. Depreendi que existe uma estreita relação entre língua e cultura. Palavras essas que se confundem e ao mesmo tempo aparecem quase como sinônimos na perspectiva de alguns sujeitos de pesquisa, uma está ligada a outra, uma está condicionada a outra, em alguns casos, se não uma não “existe”, a outra não é percebida. Aqui, expressões como “preservar a cultura” e “perda de cultura” aparecem constantemente relacionadas ao uso ou não das línguas, expressões essas voltadas para as conceptualizações dos sujeitos de pesquisa.

Palavras-chave: Sociolinguística, Uso das línguas, Bilíngue.

INTRODUÇÃO

Com a chegada da pós-modernidade surgem diversos conceitos sobre língua e cultura, agregado a esses conceitos também surgem visões ora inovadoras, ora essencialistas, visões essas que ganham representação a partir do contato com a alteridade, do multiculturalismo e da interculturalidade.

Assim a cultura é uma palavra que sugere todo o complexo de práticas pessoais, sociais, étnicas, históricas e às vezes até biológicas de uma pessoa, grupo, comunidade e/ou humanidade.

Dessa maneira é indubitável que todos nós passamos por processos de interação cultural, processos esses que fortalecem nossas práticas pessoais, nosso convívio com o outro, com o diferente, facilitando dessa maneira, as trocas culturais, trocas essas que acabam por influenciar em nossas identidades, tornado o ser humano, um ser híbrido, fragmentado,

¹ Trabalho resultado de Dissertação de Mestrado.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima- UFRR, jacinta.rodriguesjh@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutora em Linguística Aplicada, Professora da Universidade Federal de Roraima - UFRR, drahfreytas@yahoo.com.br.

inacabado, “um ser de cultura” (CUCHE, 1999, p. 9).

Sob a luz desses conceitos, que cercam o termo cultura, torna-se plausível a relação de duas outras concepções advindas com os estudos culturais, são elas: o multiculturalismo e a interculturalidade, ambas apresentam temáticas semelhantes, no entanto também envolvem particularidades que podem ser tratadas de maneira cindida.

Portanto exponho um pouco do contexto do *Campus* Amajari, para que assim possamos compreender os processos de interculturalidade presentes nesse ambiente, que é o palco da minha coleta e geração de registros.

O *Campus* Amajari ocupa uma área de 256,9 hectares, distribuídos em áreas construídas e destinadas ao desenvolvimento de projetos agropecuários, a partir da oferta prioritária de ações educacionais relacionadas ao eixo tecnológico de recursos naturais, compreendendo, em especial, as tecnologias pertinentes à produção vegetal e animal. Visando alinhar a proposta de atuação do *Campus* Amajari às demandas e realidades locais, foram realizadas três audiências públicas em localizações estratégicas do município, reunindo lideranças locais e estaduais, docentes, discentes e comunidade em geral, sendo as sugestões e contribuições cuidadosamente organizadas e analisadas⁴.

Dessa maneira, após essas audiências, que tinham como objetivo visualizar a demanda de necessidades dos possíveis cursos por parte dessas comunidades, o *Campus* Amajari inicia suas atividades no ano de 2010. Os cursos ofertados pela instituição tomaram como base essas necessidades, bem como a enorme diversidade no que tange as áreas da pecuária, agricultura, assim como étnico cultural (no que diz respeito às diversas etnias e culturas dos diferentes povos que habitam a região supracitada), diversidade essa observada após as audiências. Assim, podemos perceber a oferta dos cursos através da tabela abaixo.

Tabela 1 - Dados gerais dos alunos matriculados no IFRR – *CAMPUS AMAJARI*

AGROPECUÁRIA	QUANTIDADE DE ALUNOS
Integrado ao Ensino Médio Regular	176
Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância	46
Integrado ao Ensino Médio – EJA	6
Subsequente	14
Concomitante ao Ensino Médio	10
TOTAL	252
AQUICULTURA	QUANTIDADE

⁴ Informações obtidas no Plano de Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio 2015.

	DE ALUNOS
Integrado ao Ensino Médio Regular	65
Subsequente	11
Superior	49
TOTAL	125
AGRICULTURA	
	QUANTIDADE DE ALUNOS
Integrado ao Ensino Médio em Regime de Alternância	4
Integrado ao Ensino Médio – EJA	5
TOTAL	9
EAD	
	QUANTIDADE DE ALUNOS
Curso Técnico em Cooperativismo	83
Curso Técnico em Informática	141
TOTAL	224
TOTAL GERAL DE ALUNOS	
	610

Fonte: Coordenação de Registros Acadêmicos- CORES, 2017.

A partir da tabela 1 verificamos que o *Campus Amajari* oferta cursos presenciais e também a distância (EAD), esses cursos estão voltados para as áreas da agricultura, pecuária, piscicultura, cooperativismo e informática, sendo estes ofertados nas modalidades regular, alternância e EAD.

No que tange a diversidade étnica cultural e ao quantitativo dos alunos, a Coordenação de Registros Estudantis- CORES informou que a maior parte dos alunos matriculados na instituição são indígenas, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 2 – Quantitativo dos alunos por cor/raça matriculados no IFRR – *CAMPUS AMAJARI*.

COR/RAÇA		
	QUANTIDADE	PERCENTUAL
BRANCA	21	3,6%
INDÍGENA	345	59,4%
NÃO DECLARADA	42	7,2%
PARDA	166	28,6%
PRETA	07	1,2%
TOTAL GERAL	581	100%

Fonte: Coordenação de Registros Acadêmicos- CORES, 2017.

Observando a tabela 2 é possível perceber a diversidade étnica cultural no *Campus* Amajari, onde 59,4 % dos alunos matriculados são indígenas, estes, pertencentes a etnias diferentes. A Coordenação de registros acadêmicos também informou que a instituição tem seis alunos venezuelanos, destes, dois apresentam dupla nacionalidade. Esse mix de etnia, cor, raça proporciona ao *Campus* Amajari uma singularidade concentrada no atendimento aos povos indígenas, bem como aos demais estudantes, atendimento esse que está pautado nas diferenças culturais (LOPES, 2015).

Dessa maneira, foi a partir da minha vivência em sala de aula, como Professora do *Campus* Amajari, no qual atuo desde agosto de 2014, com a disciplina de Língua Portuguesa nos cursos técnico em Agropecuária e Técnico em Aquicultura que pude ter o contato com os meus alunos, alguns destes, indígenas. O fato destes conviverem com a língua indígena, seja ela de sua etnia, dos colegas e/ou familiares, atrelado ao uso que eles fazem da língua portuguesa, fez surgir a problematização que instigou este artigo, no qual tento refletir sobre: **Qual a relação entre as experiências em contexto intercultural e os usos das línguas portuguesa e indígena?**

Dessa forma o presente artigo tem como principal objetivo identificar a relação entre as experiências em contexto intercultural e os usos das línguas portuguesa e indígena, a partir do sujeito bilíngue.

Almejo com este estudo o desenvolvimento de ações educativas no *Campus* Amajari voltadas para a conscientização e valorização das línguas e culturas na instituição, não apenas dos indígenas que aqui estudam, mas também das comunidades e da sociedade amajariense, onde espero obter resultados relevantes sobre a influência do uso das línguas portuguesa e indígena para a construção identitária do aluno indígena do *Campus* Amajari, oportunizando o meu desenvolvimento enquanto pesquisadora, aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, bem como contribuir para os estudos desenvolvidos pela Universidade Federal de Roraima-UFRR.

Assim, este estudo está embasado na área da Linguística Aplicada, sendo uma pesquisa interpretativista de cunho etnográfica, nesse sentido o estudo aqui exposto é uma pesquisa qualitativa, através do estudo de caso. A coleta de registros deste ensaio partiu da observação participante, usei como ferramentas os diários de pesquisa e de campo; também realizei a entrevista semiestruturada, bem como o grupo focal, para fazer as análises utilizei a triangulação dos dados. Após mostrar o percurso investigativo desta pesquisa trago as análises dos dados sob a luz de alguns teóricos, a saber: Lopes (2015); Duranti (2000); Alkmim

(2001); Mello (1999); Grojean (2008); Calvet (2002); Eagleton (1943); Cuche (1999); dentre outros.

METODOLOGIA

Esse ensaio está embasado na área da Linguística Aplicada, doravante LA, que além de se basear em suas próprias teorias, busca parte de seus subsídios teóricos na Linguística e parte em outras áreas de investigação tais como a Psicologia, a Sociolinguística, a Antropologia, a Educação, a Filosofia, a Etnografia da Fala.

Assim, a pesquisa em LA, de acordo com Moita Lopes (1996), é de natureza aplicada em ciências sociais, dando enfoque à linguagem a partir do ponto de vista processual, de natureza interdisciplinar e mediadora, envolve formulação teórica e baseia-se em métodos de investigação de base positivista e interpretativista. (MOITA LOPES, 1996). Ainda sob o ponto de vista deste autor, os métodos de investigação tem como produto central o usuário, ou seja, a análise resultante da compreensão e produção oral e escrita, tendo, portanto, como foco o processo de uso da linguagem. (MOITA LOPES, 1996).

Nessa perspectiva essa pesquisa procura utilizar métodos etnográficos. De acordo com Duranti (2000)

En una primera aproximación, podemos decir que una etnografía es la descripción escrita de la organización social, las actividades, los recursos simbólicos y materiales, y las prácticas interpretativas que caracterizan a un grupo particular de individuos (DURANTI, 2000, p. 126)

Assim sendo, os estudos etnográficos procuram fazer uma descrição da vida social, pessoal e cultural de um indivíduo ou grupo de pessoas a partir das interpretações feitas com base nas observações e anotações. Dessa maneira, a pesquisa interpretativista de cunho etnográfico, segundo Moita Lopes (1996 p. 22), “é caracterizada por colocar o foco na percepção que os participantes têm da interação linguística e do contexto social em que estão envolvidos” (MOITA LOPES, 1996 p. 22) e tem base antropológica traduzindo a prática da observação, ou seja, o pesquisador vai para a comunidade, fazendo suas anotações,

acompanhando o sujeito. Assim, o investigador acaba tornando-se parte do contexto social do sujeito de pesquisa.

Nesse sentido, o estudo aqui exposto direciona-se para uma pesquisa qualitativa, que pode se referir à pesquisa de pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, movimentos sociais, fenômenos culturais, como também interação entre nações (STRAUSS; CORBIN 2008), caracterizando-se, assim como um estudo de caso, de acordo com Triviños (2010, p. 133 e 134) o estudo de caso, “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Essa definição determina suas características que são dadas por suas circunstâncias, principalmente. Esta pode ser um sujeito” (TRIVIÑOS, 2010, p. 133 e 134). É importante destacar que no estudo realizado a partir de um sujeito, devemos procurar dar voz a esse usuário, interpretando suas ações de maneira intensa e com seriedade. Nessa perspectiva, o método qualitativo aqui exposto observa a dinâmica entre o mundo real e o sujeito, buscando fazer a interpretação desse sujeito no contexto sócio histórico no qual ele está inserido.

A coleta de registro deste artigo partiu da observação participante, onde utilizei como ferramenta o diário de pesquisa, também fiz uso da gravação de áudio e entrevista semiestruturada, assim como também realizei o grupo focal para chegar a análise dos dados e com base nos registros coletados pude iniciar a triangulação dos dados, tentando retirar as falas que seriam pertinentes para responder a pergunta deste estudo.

O local da pesquisa é o Instituto Federal de Roraima/*Campus* Amajari, tendo como sujeitos de pesquisa dez alunos indígenas, que pertencem a etnias, idades e séries distintas como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 1: Sujeitos de Pesquisa

NOME	ETNIA	IDADE	SÉRIE	COMUNIDADE
Regina	Wapichana	17 anos	3º ANO	Barata
Juliana	Wapichana	18 anos	3º ANO	Anta
Thays	Makuxi	14 anos	1º ANO	Alto alegre
Luciana	Makuxi	18 anos	3º ANO	Barata
Marta	Makuxi	19 anos	3º ANO	Barata
Marcos	Ingarikó	20 anos	3º ANO	Manalai
Eduardo	Taurepang	17 anos	2º ANO	Araçá

Luana	Wapichana	17 anos	1º ANO	Guariba
Renata	Makuxi	18 anos	2º ANO	Pium
Frankle	Taurepang	17 ANOS	1º ANO	Boca da Mata

Os nomes empregados para os sujeitos desta pesquisa são nomes fictícios. Antes de participarem das entrevistas fiz a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), da Autorização de uso de imagem e voz e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)- para os menos de 18 anos, onde todos concordaram em colaborar com a investigação, após a leitura dos termos, mediante assinatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivemos em uma sociedade onde o homem está cercado por mudanças históricas, sócias e linguísticas, assim não tem como falar de sociedade sem falar de linguagem, pois Alkmim (2001, p. 21): “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIM, 2001, p. 21). Nesse sentido a sociolinguística busca a partir dessa relação entender os fatores que nos cercam sejam eles sociais, culturais e/ou linguísticos. De acordo com Mello (1999, p. 23)

Uma língua não é apenas um sistema de sons, um conjunto de unidade significativas dispostas em uma cadeia morfossintática. É muito mais do que um instrumento de comunicação. Uma língua é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo. São os falares, os modos de ser, os valores, as crenças que fazem com que os povos sejam diferentes ou semelhantes, porém singulares. (MELLO, 1999, p. 23)

Nesse aspecto o conceito de língua vai além do que pensamos, se tomarmos como base apenas o conceito supracitado, percebemos que ele vai transcender um simples meio de comunicação, estando entrelaçado com as questões socioculturais de um povo. Povo este que ao entrar em contato com outros, também se depara com outras culturas, crenças e modos de ser. É nesse cenário que se encontram os alunos indígenas do *Campus* Amajari, uma vez que os mesmos ao adentrarem na instituição encontram um ambiente multicultural, onde etnias,

culturas e línguas se misturam proporcionando o contato através do sujeito bilíngue, assim Grojean (2008, p. 163) diz que “a maioria adquire suas línguas em diferentes momentos da vida” (GROJEAN, 2008, p. 163).

Nesse sentido percebemos que todos os alunos do *Campus* Amajari vivem em um mundo plurilíngue, pois Calvet (2002, p. 35) diz que: “o plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade)” (CALVET, 2002, p. 35). Assim o contato linguístico pode acontecer não apenas com o indivíduo bilíngue, mas também com a sua comunidade, meio social e/ou cultural.

Dessa maneira, sob a luz da diversidade cultural presente no *Campus* Amajari, este ensaio segue sob os pressupostos teóricos que abordam o tema cultura, multiculturalismo e interculturalidade.

Diversos são os conceitos que giram em torno do tema cultura e Eagleton (1943, p. 9) “etimologicamente falando, é um conceito derivado do de natureza” (EAGLETON, 1943, p. 9), é uma palavra que sugere todo o complexo de práticas pessoais, sociais, étnicas, históricas e às vezes até biológicas de uma pessoa, grupo, comunidade e/ ou humanidade. Mauricio Beuchot em seu texto *Interculturalidad y Derechos Humanos* diz que a cultura ajuda a *nos* colocarmos não apenas nesse plano natural, mas também no social. Beuchot (1950, p. 9) argumenta que: “En efecto, no hacemos cultura sólo para sobrevivir, sino también para convivir con propios o extraños (extranjeros o gente que pertenece a otra cultura). Por eso, aquí se conectan la idea de cultura, la idea de identidad cultural y la de interacción cultural” (BEUCHOT, 1950, p. 9). Olhando sob a perspectiva do autor é indubitável que todos nós passamos por esses processos de interação cultural, processos esses que fortalecem nossas práticas pessoais, nosso convívio com o outro, com o diferente, com os estrangeiros, facilitando dessa maneira, as trocas culturais, trocas essas que acabam por influenciar em nossas identidades, tornado o ser humano, um ser híbrido, fragmentado, inacabado.

Sob a luz desses conceitos, que cercam o termo cultura, torna-se plausível a relação de duas outras concepções advindas com os estudos culturais, são elas: o multiculturalismo e a interculturalidade, ambas apresentam temáticas semelhantes, no entanto também envolvem particularidades que podem ser tratadas de maneira cindida.

Charles Taylor em seu livro “Multiculturalismo: examinando a política do reconhecimento” mostra que vários fatores que envolvem a política exigem o reconhecimento e é claro, se envolve política, envolve meios de supremacia, de distinção e de separação.

Dessa maneira surge mais um fator que pode também está associado à cultura, nesse caso aqui a política. É notório que essa relação acompanha a humanidade desde muito tempo atrás, já que é sabido dos processos políticos e culturais aos quais as sociedades minoritárias se submeteram ao longo desses anos. Assim, o âmago do multiculturalismo é o reconhecimento de que Freuri (2001, p. 48) “cada povo e cada grupo social desenvolve historicamente uma identidade e uma cultura próprias. Considera que cada cultura é válida em si mesma, na medida em que corresponde às necessidades e às opções de uma coletividade” (FREURI, 2001, p. 48). Dessa maneira, poderíamos dizer que o multiculturalismo é a existência de várias culturas em um mesmo local, comunidade, grupo, estado e/ ou país e à medida que cada integrante desses itens supramencionados vão convivendo com essas culturas/ com esse multiculturalismo uma miríade de identidades vão sendo desconstruídas, construídas e reconstruídas.

Indo por esse viés é interessante inquirir sobre a possível relação existente entre o multiculturalismo e a interculturalidade. Candau (2012, p. 242) afirma que:

Para alguns autores, esses termos se contrapõem, o multiculturalismo sendo visto como a afirmação dos diferentes grupos culturais na sua diferença e o interculturalismo pondo o acento nas inter-relações entre os diversos grupos culturais. Há também aqueles que usam estas palavras praticamente como sinônimos. (CANDAUI, 2012, p. 242).

Nessa perspectiva podemos dizer que o *Campus* Amajari é um ambiente multi e intercultural, multicultural pela presença de diversos grupos culturais: venezuelanos; indígenas (pertencentes a diversas etnias); professores advindos de várias regiões do Brasil; alunos filhos de fazendeiros, de trabalhadores rurais, de pequenos produtores e também de assentamentos rurais. É intercultural devido às relações, das trocas culturais advindas do contato étnico, sociocultural e linguístico.

Assim sendo, essa interculturalidade está refletida nos processos de troca e contato com a alteridade, de cada intersubjetividade, processos esses, que influenciam na construção identitária de cada aluno. De acordo com Dias (2016, p. 13) “A investigação sobre as bases teóricas da abordagem intercultural cruza os planos da cultura e da língua e este cruzamento encontra-se representado na atual teoria do ensino e aprendizagem de línguas” (DIAS, 2016, p. 13). Nesse caso essa abordagem intercultural a qual o autor se refere pode ser observado no cenário linguístico do *Campus* Amajari, não apenas ao ensino de línguas em sala de aula, visto que a instituição oferta as disciplinas de língua espanhola e língua inglesa, mas também

pelo próprio ensinamento e trocas linguísticas proporcionadas pelos indígenas, que fazem uso da língua materna.

Nesse sentido percebemos que todos os alunos do *Campus* Amajari vivem em um mundo plurilíngue, pois Calvet (2002, p. 35) diz que: “o plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade)” (CALVET, 2002, p. 35). Assim o contato linguístico pode acontecer não apenas com o indivíduo bilíngue, mas também com a sua comunidade, meio social e/ou cultural.

Nesse aspecto trago a partir de agora as análises (organizadas por categorias) sob a luz dos teóricos que subsidiaram este ensaio. Assim as considerações que seguem são fruto da entrevista semiestruturada, da observação participante realizada em sala de aula, laboratório, bem como no malocão (área de convivência) e no entorno da instituição onde são realizadas as aulas práticas dos cursos técnicos. Tento compreender a relação entre as experiências em contexto intercultural e os usos das línguas portuguesa e indígena, procuro dar voz aos sujeitos desta pesquisa, assim como a real importância de suas ações, comportamentos, sentimentos e interações.

“MINHA COMUNIDADE NÃO CONSERVOU A SUA CULTURA, POIS NÃO FALA A LÍNGUA MATERNA”

Nesse momento abro um espaço para trazer alguns relatos observados durante a coleta e geração dos registros, esses dados me direciona a enxergar a língua, ou melhor o uso/ ou não das línguas indígena e portuguesa para um patamar onde o que está em jogo é a cultura, pois aqui pude perceber o quanto essas duas palavras caminham juntas nas falas do sujeito de pesquisa.

Inicialmente, podemos verificar o caso da Luciana que durante o grupo focal ao falar sobre o uso das línguas, diz que sua comunidade não conservou a sua cultura, pois não falam a língua materna, ela utiliza o exemplo do Marcos e diz que na comunidade dele é diferente, pois eles preservam a cultura, as tradições e isso faz com que falem o Ingarikó, que é a sua língua plena e verdadeira. Nesse momento observo que o Marcos sempre confirma com a cabeça que concorda com o que a Luciana está falando e acrescenta que sabe falar Ingarikó, Macuxi e ainda entende um pouco Taurepang. Diz também que em sua comunidade ele fala Ingarikó, fala Português também, mas segundo ele, não deixa a cultura.

Podemos olhar essas colocações dos sujeitos de pesquisa para o viés da concepção sobre cultura da autora Dias, pois a autora mostra em seu texto Ensino e aprendizagem intercultural de Línguas estrangeiras: da teoria à sala de aula, que a cultura pode ser interpretada sob a luz de três vertentes: os aspectos materiais, sociais e subjetivos. Nesse caso Dias (2016, p. 17) coloca que: “a cultura social consiste nas instituições sócias do grupo (língua, religião, leis, regras de conduta social, folclore, ícones culturais, etc)” (DIAS, 2016, p. 17). Sob essa perspectiva pude constatar que quando a Luciana coloca que “sua comunidade não conservou a sua cultura, pois não falam a língua materna” ela está se referindo aos aspectos sociais da cultura de seu povo, pois ao passo que, a partir do ponto de vista que a sua comunidade deixa, ou não, de falar a língua de sua etnia, essa eventualidade acaba sendo vista por parte do sujeito de pesquisa como uma “perda de cultura”, nesse caso perda da cultura social.

Mostro aqui um recorte da fala da Luana, onde a mesma também associa a sua representação do ser indígena com a sua cultura, observemos:

LUANA-WAPICHANA

Ser índio é tu sempre relembrar da cultura antiga, é tu sempre... é tu sempre não deixar pra trás aquilo que tu viveu desde a tua origem, por exemplo, da tua avó, do teu avô. Ser índio é sempre tu ter orgulho da tua cultura, da tua origem, da tua raça, entendeu? Da sua etnia e pra ser índio é... Uma coisa maravilhosa, rsrs, entendeu?

Percebo que o sujeito de pesquisa associa a sua concepção de ser indígena com a cultura de sua comunidade, Santomé (2012. p. 163) diz que “a cultura de cada povo não traduz outra coisa que seus constructos conceituais, seus sistemas simbólicos, seus valores, crenças, pautas de comportamento, etc” (SANTOMÉ, 2012. p. 163). Assim, vejo que a Luana constrói o seu conceito a partir dos símbolos, valores e comportamentos que representam a sua vida e conseqüentemente sua vivência dentro da comunidade. Também observei esse fato em um outro momento durante a observação participante, no instante em que a Luana conversa sobre a cultura indígena parece demonstrar satisfação, principalmente ao relatar para os coletas seus nomes indígenas que de acordo com o sujeito de pesquisa foram: Susui, que na língua Wapichana significa flor e Wyzkid que queria dizer estrela pequena. Ao fazer esse relato sinto que o sujeito demonstra certa felicidade, não só pela sua cultura ou comunidade,

mas principalmente por ela ter nomes que a representam dentro de sua etnia e consequentemente dentro da sua cultura.

Em meio às discussões, geradas no grupo focal, em um dado momento a Thays pede para falar, ao passar a palavra para o sujeito de pesquisa, a mesma começa a narrar um acontecimento que a incomodou muito. Vejamos:

THAYS-MAKUXI: A vida toda eu sempre estudava o Wapichana, então eu tenho mais facilidade com o Wapichana e o meu pai ele sempre me pegou em casa para ensinar. Acontece que um dia meu pai, ele me mandou mensagem em língua indígena, pelo whatsapp, só que eu acho que eu perdi um pouco! Eu não consegui responder! Eu mandei tipo uma coisa assim que não fazia nem sentido. Então assim, eu...eu fiquei muito triste comigo mesmo, porque caraca essa não sou eu, entendeu? Porque antes não, antes eu falava com ele, eu até converso com a minha avó. Então, aqui a gente não tem muito tempo para pensar nisso, a gente tem várias matérias, tem matérias técnicas, tem essas normais que a gente precisa estudar, entendeu? Aí, não sobra tempo. E a gente acaba meio que esquecendo. Antes era diferente o meu pai falava comigo e eu respondia na língua indígena, normalmente sabia escrever, eu sei escrever! Só que agora, tem essa situação. Ele me mandou mensagem na língua indígena, só que eu não soube responder na língua indígena, eu esqueci algumas coisas! Por que isso assim sempre foi uma coisa que eu aprendi, desde cedo eu sempre tive isso, eu sempre soube! Mas quando eu vi que eu tava... que eu cheguei naquele ponto de tá esquecendo as coisas eu mi... eu fiquei triste comigo mesma, por que eu nunca fui assim, então aqui ocorreu uma grande mudança, eu não soube responder. Então quando eu mi vi naquela situação foi mais decepcionante ainda por causa do meu pai, eu tive medo de decepcionar, por causa disso, por que ele nunca me incentivou a esquecer ou deixar de lado e sim valorizar a cultura e aprender.

Olhando atentamente para o discurso da Thays e baseado no pressuposto teórico de Hall, fica evidente que a identidade do sujeito de pesquisa está em crise. Essa crise é decorrente dos processos culturais, sociais e linguísticos advindo com a chegada da pós-modernidade. Nesse âmbito é possível perceber que Mota (2007, p. 168) “um conflito intercultural é instalado entre os espaços dentro e fora de casa” (MOTA, 2007, p. 168), conflito esse, que acontece pelo fato de que a vida da Thays, nesse momento, está refletida nos processos de relações interculturais proporcionadas pelo ambiente de estudo, o *Campus Amajari*, agora boa parte de seu tempo está condicionado a esse ambiente e não mais a sua casa, à sua família, à sua comunidade.

Isso acaba gerando esse confronto que resulta até em um possível medo, medo talvez do esquecimento, do apagamento de algumas marcas linguísticas e culturais que para o sujeito de pesquisa são de grande importância, e ao passo que possam ficar esquecidas ou até mesmo confusas, ocasionam um sentimento de tristeza e decepção, como ela mesma coloca quando diz: “eu fiquei muito triste comigo mesmo”. Esse sentimento de tristeza surge a partir do momento que o sujeito de pesquisa se vê dividido entre dois tempos, o passado e o presente, o ontem e o hoje, o passado é representado pelo contato com sua família, especificamente o seu pai, pois como ela mesma acrescenta “ele sempre me pegou em casa para ensinar”, ensinar a Língua Wapichana, os valores, a cultura e as tradições de sua etnia; e o presente, o seu convívio no *Campus* Amajari, que de acordo com a fala do sujeito de pesquisa: “então, aqui a gente não tem muito tempo para pensar nisso, a gente tem várias matérias, tem matérias técnicas, tem essas normais que a gente precisa estudar, entendeu?” Esse novo cenário no qual ela se encontra acaba afastando seus pensamentos das suas práticas culturais. Woodward (2000, p. 12) coloca que “assim essa redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade que está ocorrendo nesse exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise”, dessa maneira todo esse conflito é percebido pelo sujeito de pesquisa, a partir do momento em que ela não consegue responder a uma mensagem na língua Indígena para seu pai.

Assim quando a Thays coloca “eu não consegui responder! Eu mandei tipo uma coisa assim que não fazia nem sentido [...] porque caraca essa não sou eu, entendeu?”. É possível verificar que esses dois tempos, o passado e o presente; os dois lugares, a sua casa e o *Campus* Amajari; e as relações interpessoais e interculturais proporcionadas por esses ambientes e espaços de tempo, acabam deixando a construção identitária do sujeito de pesquisa em conflito, conflito por não ter conseguido responder na língua, conflito por medo de decepcionar o seu pai, conflito por medo de estar deixando a sua cultura de lado, como ela mesma coloca em sua última fala no recorte acima.

Após observar as falas da Thays, a Marta, pede a vez para falar, vejamos o que ela coloca:

MARTA- MAKUXI: Lá no alojamento às vezes juntava os quatro meninos Ingarikós e começam a falar na língua deles, aí a gente pensava: - Caramba! Eles sabem falar e a gente não! Quando a gente entra aqui muda totalmente a nossa vida, é... sei lá! É tipo assim, você acaba conhecendo pessoas

novas e aí vai mudando a nossa vida.

É possível perceber no recorte acima, mais uma vez, que alguns sujeitos de pesquisa fazem uma relação entre cultura e língua. No caso da Marta, o fato de ver, presenciar, colegas que são indígenas falando na língua materna a deixa em momento de reflexão, Oliveira (2012, p. 76) “tudo isso porque a língua/linguagem expressa a nossa realidade cultural. Ela não está isenta, pois, da cultura” (OLIVEIRA, 2012, p. 76). Sob a luz dessa perspectiva é possível constatar que para o sujeito de pesquisa a noção de língua, de usar a língua indígena ou não, está diretamente ligada à sua cultura, nesse caso o fato da Marta não usar a língua indígena e ir conhecendo outras pessoas vai mudando a sua vida, como ela mesma coloca. Oliveira (2012, p. 76) relata que “isso se deve ao fato de cada cultura interpretar a realidade e perceber o mundo a sua maneira” (OLIVEIRA, 2012, p. 76). Nesse sentido essa interpretação da nossa realidade, da realidade do outro, o contato com o outro acaba gerando as identidades fragmentadas. Para Hall (2009, p. 106):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas (HALL, 2009, p. 106).

No caso da Marta a sua identificação enquanto indígena está ligada às suas relações interpessoais dentro e fora de sua comunidade, ao uso que ela faz ou não das línguas indígena e portuguesa, à sua cultura e é claro a sua identificação ou não a partir do outro. Essa relação a tornam um sujeito com uma identidade multifacetada, centrada em suas possibilidades de relacionamento proporcionados pelo *Campus* Amajari, pela sua comunidade e pela sua cultura.

Depois das falas das meninas, pergunto ao Marcos se ele também esqueceu alguma coisa da sua língua depois que chegou ao *Campus* Amajari? Sinto que todos voltam à atenção para o que o Marcos vai falar ao passo que o mesmo responde:

MARCOS-INGARIKÓ: Não! Não professora! Não! Porque eu sei falar! Eu sei muito mesmo falar! Aí eu não esqueço e quando eu estudava lá a gente aprendeu a escrever.

A partir do recorte acima depreendo que existe um elo muito forte entre o sujeito de pesquisa e a sua comunidade, assim consequentemente a língua de sua etnia é como se para ele “a língua não fosse somente a expressão da ‘alma’ ou do ‘íntimo’, ou do que quer que seja, do indivíduo; fosse, acima de qualquer coisa, a maneira pela qual ele se expressasse, e como seus membros fossem a sua boca (MEY, 1998)

Percebo nesse caso, uma representação enraizada sobre a importância da comunidade e a importância de sua língua para o sujeito de pesquisa, me parece que existe um compromisso, uma valorização, um enaltecimento da cultura Ingarikó por parte do sujeito de pesquisa. Esse compromisso que acabei de colocar foi confirmado não só no grupo focal, como também na entrevista, pois o Marcos coloca que veio estudar esses três anos no *Campus Amajari*, para aprender novas línguas, novas práticas em campo para quando terminar o curso poder passar tudo o que aprendeu para a sua comunidade.

É interessante ainda focarmos um pouco sobre toda essa representação que o Marcos tem da sua etnia, do ser indígena e de sua comunidade, Silva (2000, p. 91) diz que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2000, p. 91), dessa maneira, quando o Marcos diz “eu sei falar! Eu sei muito mesmo falar! Aí eu não esqueço...” ele utiliza de um empoderamento dos seus conhecimentos dentro da língua de sua etnia para representar a sua origem, a sua comunidade, a sua identidade. Identidade essa que está pautada em sua relação com a comunidade e as pessoas com as quais ele convive no *Campus Amajari*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi possível chegar a algumas conclusões, assim como também a novas inquietações, pois penso que uma pesquisa nunca se dá por finalizada, sempre surgem novas concepções que precisam ser problematizadas.

Ao longo desse estudo foi possível perceber que existe uma estreita relação entre língua e cultura. Palavras essas que se confundem e ao mesmo tempo aparecem quase como sinônimos na perspectiva de alguns sujeitos de pesquisa, uma está ligada a outra, uma está condicionada a outra, em alguns casos, se não uma não “existe”, a outra não é percebida.

Aqui, expressões como “preservar a cultura” e “perda de cultura” aparecem constantemente relacionadas ao uso ou não das línguas. Fatores esses, que me levaram a

enxergar identidades em conflito, conflito por viverem em dois mundos, a comunidade e o *Campus Amajari*; dois tempos o passado e o presente.

Assim, depredendi que o uso/ ou não das línguas indígena e portuguesa, o contato com essas duas línguas, as relações interculturais proporcionadas pelo *Campus Amajari* e as comunidades dos sujeitos de pesquisa proporcionam aos mesmos viverem em um entre-lugar. Fator esse, que acarreta na miríade de significados, representações e concepções que cada um tem de si, do outro, de sua comunidade, da sua cultura, da cultura do outro, do *Campus Amajari* e do uso/ou não das línguas portuguesa e indígena e do que é ser indígena.

Elementos esses, que acarretam nos processos de interculturalidade proporcionados não só pelo campus Amajari, mas também pelas comunidades e relações sociais dos sujeitos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolingüística: Parte 1. In F. Mussalim & A. C. Bentes (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

BEUCHOT, M. **Interculturalidad y Derechos Humanos**. México: Siglo XXI editores, 1950.

CALVET, L-J. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. In **Educação e sociedade**. N. 118, 2012. Campinas: CEDES. 2012.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências**. Trad. De Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2009.

DIAS, A. P. P. Ensino e aprendizagem intercultural de línguas estrangeiras: da teoria à sala de aula. In R. L. de Sá (org.). **Português para falantes de outras línguas**: interculturalidade, inclusão social e políticas linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

DURANTI, A. **Antropología lingüística**. Cambridge University Pres, 2000.

EAGLETON, T. **A ideia de Cultura**. Trad. De Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. In **Educação, sociedade e culturas**. N. 16, 2001. Porto Alegre: ed. Universidade do Porto. 2000.

GROSJEAN, F. **Bilinguismo individual**. Trad. de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. UFG, 2008. Disponível em <http://proec.ufg.br/revistaufg/dezembro2008/tradução.html>. Acesso em 23 de setembro de 2016.

LOPES, T.S. **A educação profissional ofertada pelo IFRR para as comunidades indígenas do município de Amajari-RR**. 2015. 94p. Dissertação (Mestrado em sociedade e cultura na Amazônia) Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2015

MELLO, H. A. B. de. **O falar bilíngue**. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

MEY, J.L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras; FAPESP, 1998. p. 69-88.

MOITA LOPES, L. P. da, **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. ed. Mercado de Letras, Campinas, 1996.

MOTA, K. S. Mulheres brasileiras imigrantes nos Estados Unidos: (des)caminhos do bilinguismo em trajetórias de identidades. In M. C. Cavalcanti & S. M. Bortoni-Ricardo (orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

OLIVEIRA, H. F. de. Narrativas de uma portuguesa vivendo no Brasil: algumas considerações sobre suas experiências interculturais. In **Revista brasileira de Linguística Aplicada**. V. 12, n.º 1. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012.

SANTOMÉ, J. T. As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo. In: SILVA, T.T. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2012. p. 155-171.

SILVA, T.. T. A produção social da identidade e da diferença. In: T. T. da Silva (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: vozes, 2000.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAYLOR, C. **Multiculturalismo: examinando a política do reconhecimento**. Trad. De Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciencias sociais:** à pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2010.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma discussão teórico e conceitual. In: T. T. da Silva (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.